

LÍNGUA E TERMINOLOGIA NAS MEMÓRIAS ECONÓMICAS DE DOMINGOS VANDELLI DE 1789

Carsten SINNER
Universität Leipzig

1. INTRODUÇÃO E BREVE NOTA BIOGRÁFICA

O italiano Domenico —Domingos Vandelli, oriundo de Pádua onde nasceu em 1735 e onde estudou Medicina e História Natural, morreu em Portugal em 1816. Através dos seus primeiros textos que ainda foram escritos em latim (Vandelli 1758, 1760, 1761), e

através das notícias que mais tarde deu das colecções de objectos e espécies destinados ao seu museu privado e, sobretudo, através da correspondência que manteve com Carl Linné [...], confirma-se a sua vocação de naturalista atento ao desenvolvimento científico em curso na Europa ilustrada de meados do século XVIII (Cardoso 2003a: 3).

Vandelli chegou a Portugal em 1764 a convite de Marquês de Pombal —provavelmente devido à fama que obteve entre alguns cientistas portugueses estabelecidos na época em Itália— juntamente com outros professores italianos contratados para leccionar matérias científicas como matemática, química, física e história natural no Real Colégio dos Nobres.

O projecto para o qual tinham sido chamados a Portugal fracassou, devido ao pouco interesse da aristocracia portuguesa numa formação científica para os seus filhos (v. Cardoso 2003a: 3), mas Vandelli e os outros italianos acabaram por se fixar em Coimbra onde, a partir de 1772, participaram na reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra. Nesta universidade, Vandelli ia leccionar História Natural e Química e formou a próxima geração de naturalistas, na sua maioria brasileiros (Dean 1991). Vandelli fundou o Laboratório Químico e o Gabinete de História Natural e colaborou na criação do Jardim Botânico de Coimbra. Foi Director do Real Jardim Botânico de Lisboa e participou na fundação da Academia das Ciências de Lisboa em 1779. O italiano é considerado «como um dos principais mentores da acção da Academia do domínio económico» (Cardoso 2003a: 3). Durante as invasões francesas (1807-1811) Vandelli foi acusado de ser afrancesado, e finalmente em 1810 foi preso e deportado para a Ilha Terceira, nos

Açores. Só mais tarde lhe foi permitido emigrar para Inglaterra, de onde regressou em 1815. Em 1816, morreu em Lisboa.

Vandelli é considerado um dos cientistas mais importantes e influentes de Portugal do seu tempo. O cientista italiano notabilizou-se por muitos trabalhos científicos, especialmente nas áreas da História Natural e da Economia.¹

Vandelli, que é considerado fisiocrata,² escreveu um sem-número de trabalhos, muitos dos quais foram publicados nas *Memórias* da Academia das Ciências.³ Os seus textos, memórias académicas, obras de terminologia e nomenclatura, etc., são numerosos demais como para serem enumerados aqui. Além dos trabalhos sobre economia, devem ser destacados os importantes testemunhos que legou da sua sistemática actividade de inventário e descrição dos recursos naturais de Portugal e suas colónias, nas quais o autor tinha em vista sempre a sua utilização produtiva ou a comercialização. Para Faria (2001: 89),

Vandelli representaria, neste domínio específico da história natural, o ponto de aplicação do poder político apostado na (re)descoberta dos domínios coloniais da coroa portuguesa e das suas respectivas potencialidades de exploração económica.

É considerado importantíssimo o contributo de Vandelli na formação e desenvolvimento das linguagens especializadas, nomeadamente da terminologia, nas áreas da botânica, agricultura e (agro)economia, entre outras, e por obras como o seu *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural extrahidos das obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos*, publicada pela Universidade de Coimbra em 1788 (Vandelli 1788a).

Se bem que —sobretudo a partir da perspectiva das Ciências económicas e da História da Ciência— sempre se tenha ressaltado o impacto da obra de Vandelli na Ciência em Portugal —cf., por exemplo, Longo (1940), Cardoso (1986, 2003a, 2003b), Brigola (2001), Faria (2001)—, os seus textos não têm sido estudados de uma perspectiva linguística. Isto surpreende tanto mais quanto como italiano de nascimento, os seus escritos poderiam ter italianizado as linguagens técnicas ou especializadas do seu tempo, o que ganha mais importância se tivermos em conta que o último terço do século XVIII corresponde ao início das linguagens técnicas botânico-agrário-económicas, pois com a expulsão dos jesuítas e a reforma pombalina, o latim foi abolido, convertendo-se o português em língua das ciências. É ainda mais notável que não se tenha estudado linguisticamente o legado de Vandelli se lembrarmos que os textos de Vandelli muitas vezes contêm parágra-

1. Cardoso (2003a: 3) diz a este respeito: «Os escritos de Vandelli destacam-se de forma nítida por entre a abundante literatura de teor económico produzida sob a égide da Academia Real das Ciências de Lisboa. Da sua pena saíram textos programáticos e orientadores do que viria a constituir-se como um dos mais importantes núcleos documentais para o estudo da economia e do pensamento económico português na fase final do antigo regime».

2. Acerca das doutrinas e sobre a crítica das posições de Vandelli veja Laranjo (1882), Amzalak (1922: 19-21), Monteiro (1945: 76-114) e os trabalhos de Cardoso (1986, 2001, 2003a, b, c) e Vandelli (1994).

3. Só nas *Memórias económicas* da *Academia Real das Sciencias de Lisboa* apareceram onze memórias (Vandelli 1789a-f, 1790a e 1790b, 1791a e 1791b, 1812).

fos ou frases incompreensíveis por razões linguísticas. Nota-se «a permanência do latim em todos os seus escritos naturalistas de juventude, publicados em Pádua, o que é [segundo Cardoso] certamente revelador de uma intenção de captação da atenção dos seus pares» (Cardoso 2003a: 11). Não existem, contudo, nem trabalhos enfocados em italinismos linguísticos, erros devidos à sua condição de estrangeiro, ou na natureza da terminologia aparentemente criada ou estabelecida por Vandelli.

Na presente contribuição apresentarei os resultados duma análise estilística e do uso da terminologia nos trabalhos de Domingos Vandelli publicadas pela Academia em 1789, no primeiro volume das *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*, sobretudo memórias sobre os recursos naturais de Portugal e Brasil (Vandelli 1789a-1789f).

Além de analisar as particularidades linguísticas que podem ser atribuídas ao autor pela sua condição de falante de italiano (ou de falante não nativo de português) prestar-se-á particular atenção a aspectos formais da elaboração do texto.

2. ANÁLISE DAS MEMÓRIAS ECONÓMICAS DE DOMINGOS VANDELLI

2.1. ASPECTOS FORMAIS: REFERÊNCIAS E AUTO-REFERÊNCIAS

Vandelli faz continuamente referência aos seus próprios trabalhos, como se vê, por exemplo, nos extractos (1) e (2), tirados de Vandelli (1789c):

- (1) A cauza disto não he por ser muita parte dos terrenos areentos, e pedregozos, porque estes mesmos admittem alguma especie de cultura; (como eu já demonstrei na Memoria sobre a utilidade dos Jardins Botanicos) mas sim a falta de gente occupada na Agricultura delles [...]. (1789c: 177)
- (2) Para uzo Medico tambem muitas são as plantas conhecidas, como o *Orchis* para fazer o *Salep* [...] e muitas outras, que eu não indico, porque já o fiz no *Ensaio da Flora deste reino*. (1789c: 184)

Entre as auto-referências cabe destacar as referências a textos que ainda não foram escritos, como é o caso do exemplo em (3).

- (3) Na prezente Memoria indicarei sómente as de Portugal, que até agora conheço, e comprehenderei em outra as das Conquistas. (1789c: 176)

Parece que esta indicação faz referência a Vandelli (1789d), «Sobre algumas produções naturaes das Conquistas, as quaes ou são pouco conhecidas, ou não se aproveitão», que foi publicado em 1789 junto com Vandelli (1789c) no mesmo volume I das *Memórias económicas*. Estas referências a trabalhos próprios, tanto mais quando ainda

nem foram escritos, podem servir como justificação de uma limitação de conteúdo, o facto de não tratar determinados aspectos sentidos como necessários, tal como se vê no exemplo (4):

- (4) Em outra Memoria tratarei do presente estado do nosso Commercio; nesta examinarei se devemos presentemente dar preferencia ás Fabricas, ou á Agricultura. (1789f: 245)

Hoje em dia considera-se como pouco elegante autocitação frequente e particularmente a remissão para trabalhos que ainda estão por realizar.⁴ Na perspectiva comparativa, as muitas auto-referências de Vandelli fazem destacar a obra dele claramente entre as restantes *Memórias económicas* (cf. Sinner 2007).

É notável, nas Memórias de Domingos Vandelli, o uso da primeira pessoa do plural, é dizer, o uso verbal de primeira pessoa de plural com os pronomes correspondente (*nós, nosso*):

- (5) Aperfeiçoando-se a casta de Ovelhas, fazendo pastos artificiaes para accrescentalas, limitando-se a extracção das lans, mas não prohibindo-se totalmente, chegarão as nossas manufacturas á sua perfeição, e chegaremos a não necessitar das de fóra (Vandelli 1789c: 184).
- (6) de algumas outras Conquistas temos excellente Anil [...] não só para as nossas fabricas [...] (Vandelli 1789d:189)
- (7) As primeiras materias do Reino animal, que temos para as manufacturas [...] são as peles de Camurça [...] (1789e: 235).

Se bem que em muitas ocasiões o uso do pronome plural possa explicar-se como uso motivado por razões estilísticas, em vez de pronomes da primeira pessoa de singular («Eu auto-promocional», *self-promotional I*) (cf. Harwood 2005), ou com o significado de «nós, os científicos» exemplificado em (8), nos exemplos (5) a (7) claramente se usa no sentido de «nós, os portugueses».

- (8) [...] os primeiros conhecimentos, que devemos ter são as mesmas Producções da Natureza [...]. (1789e: 223)

O contexto possibilita a determinação do uso não como *self-promotional We*, mas claramente como uso inclusivo do pronome plural, é dizer, como inclusão do orador no «nós», que nos textos analisados vem a significar «entre os portugueses». Nos casos em que parece fazer-se referência à comunidade científica, quase sempre é possível, além desta interpretação, partir de uma inclusão do orador entre «os portugueses», como se vê no exemplo (9), onde «temos» pode ser «nós, os científicos, temos outras plantas» ou «nós, os portugueses [ou seja, Portugal] temos outras plantas»:

4. Citar pode ser entendido de maneira muito geral; cf. a crítica da socióloga Hark (2005) por Vec (2006: 46) por ter citado os seus próprios trabalhos como exemplos na sua história do discurso feminista contemporâneo.

- (9) Do Açucar (*g*) não fallo por ser huma producção bem manufacturada, com tudo temos outras plantas que subministraõ Açucar; mas não em tanta quantidade.

(*g*) Sacharum Officinale. (1789e: 226)

O uso de *nós* como «*nós os portugueses*» é tanto mais notável quando o autor é italiano ou ao menos de procedência italiana, tendo chegado a Portugal só na idade adulta, pouco antes de fazer 30 anos. No exemplo número (10), fica ainda mais claro que em caso nenhum se trata de um uso meramente estilístico da primeira pessoa de plural em vez da primeira de singular, pois a directa oposição aos estrangeiros impossibilita esta interpretação:

- (10) Pelo que respeita á Agricultura, além das Ilhas, sómente o Brazil poderia subministrar o trigo, milho e os grãos, e legumes que em cada anno estamos obrigados a comprar aos Estrangeiros. (1789d: 189)

Vandelli identifica-se ou pretende identificar-se com a nação portuguesa, com o povo português, segundo se depreende do uso verbal e pronominal. Vejamos, brevemente, a possível influência da língua italiana ou das fontes portuguesas e estrangeiras usadas sobre a língua, nomeadamente o léxico usado, por Vandelli.

2.2. ITALIANISMOS

Encontram-se, nos textos de Vandelli, elementos que somente podem ser explicados com uma influência da língua italiana, língua materna do autor, mas são pouco importantes, numericamente, os casos em que essa é a única possível explicação. Devido ao parentesco das línguas românicas e à introdução de latinismos também em inglês, em muitos casos é difícil ou impossível determinar a origem exacta de algumas formas. Assim, o uso de *fajança* em (11) muito provavelmente é um galicismo, pois se bem que o nome francês provenha do nome da cidade italiana, Faenza, a porcelana difundiu-se na Europa através da França e com o nome francês. Não obstante, não pode ser descartada a influência italiana no uso em Vandelli.

- (11) Em varias partes do Reino, e das Conquistas estaõ Argillas boas para a Porçolana [...], Fajança [...] (1789e: 229).

- (12) Para as Fabricas de Vidro, e vidrar as Louças, temos excellentes Quartzos [...] Arêas bem fuziveis [...] o Espato fuzivel para a Porçolana [...] (1789e: 230).

Também o uso de «porçolana» ‘porcelana’ ilustrado em (11) e (12) não corresponde necessariamente só à língua materna de Vandelli: Com *porçalanas* e *porçellaãs* há usos documentados em português no século XV; no século XVIII encontram-se documentados usos como *porselana* em 1720 e encontraram-se também formas com <o> em posição átona: *persolana* de 1583 e *porçolàna* de 1858 (Houaiss 2001: sv *porcelana*). O uso

por Vandelli portanto deverá considerar-se não como forma italiana, mas como italianismo bem adaptado ao português.⁵

Além dos elementos lexicais só *possivelmente* explicáveis com o influxo italiano, nas memórias vandellianas há uma série de aspectos que definitivamente devem relacionar-se com o italiano. É o caso de Ambragrigia em (13), que segue, além de representar a palavra italiana, a grafia desta língua, e a grafia à italiana como ilustrado em (14).

- (13) Nas costas do Brazil ás vezes apparecem pedaços grandes de Ambragrigia (*k*), e principalmente em Africa na borda do Rio Sena, e nas Ilhas de Cabo-Verde.

(*k*) *Ambra ambrosiaca*. (1789d: 203)

- (14) [...] isso observei em algumas amostras que tinha o Consul de Hollanda *Ghildemester*. (1789d: 202)

A grafia do nome neerlandês de «Ghildemeister» com <h> antes de <i> deve ser relacionada com a ortografia italiana; posto que Vandelli indica que dispõe de provas procedentes do «Consul de Hollanda», é pouco provável que se tenha baseado em fontes italianas. Na Itália, é bem provável que o nome se tenha escrito com <h>. No exemplo em (13), tanto a forma *ambragrigia por âmbar-gris* como a ortografia são italianos.

Além dos italianismos provavelmente não intencionados e ao menos em parte categorizáveis como interferências, há usos de formas italianas que parecem responder à vontade do autor, como é o caso de *pozzolana* ou *puzzolana* até escritas em letra itálica e com dois <z> e acompanhadas com traduções ou explicações em português, como ilustram (15) e (16).

- (15) Nestes montes se acha outra especie de lava cinzenta com globulos brancos, e quasi desfeita, que vem a fazer o que se chama *saibro*; o qual he uma especie de *pozzolana* muito estimada para edificar debaixo da agua. Ha outro *saibro* vermelho, que he huma *pozzolana* totalmente descomposta em argilla. (1789c: 178)

- (16) [Em varias partes do Reino, e das Conquistas estaõ Argillas boas.] A *Puzzolana* (*e*) para o cimento debaixo das Agoas [...].

(*e*) *Saibro Vermelho da Ajuda*, que he huma ejeção Vulcanica; sobre a *puzzolana* dos arredores de Lisboa leo huma Memorio o nosso Socio José Corrêa da Serra. (1789e: 230)

Pozzolana é o nome de umas cinzas vulcânicas que começaram a extrair-se em Pozzuoli perto de Nápoles;⁶ em português moderno usa-se *pozolana*, adaptado à ortogra-

5. No *Tesoro de la lengua castellana* de Sebastián de Covarrubias encontra-se *pvcelana*, e seguindo à definição desta entrada faz-se referência a *pocelana* («vide supra pocelana»). Não obstante, o lema correspondente, *POCELANA*, não se encontra no dicionário (cf. Mühlshlegel 2000: 143).

6. Vitruvius (Marcus Vitruvius Pollio, ca. 80-70 a. C. até ca. 10 a. C.) já descreveu quatro tipos de *pozzolana*: preta, branca, cinzenta e cor-de-rosa.

fia portuguesa e segundo Houaiss (2001; sv *pozolana*) documentado pela primera vez em 1837, ou o italianismo *pozzolana*.

É notória, nos textos de Vandelli, a presença de elementos que, se bem que não possam ser claramente atribuídas ao italiano, poderiam dever-se ao feito de Vandelli não ter sido nativo da língua portuguesa. É notável, por exemplo, o uso que se encontra no extracto (17).

- (17) A porção, que está cultivado em vinhas oliveiras, bosques, grãos, e legumes, não tem em geral o grão de perfeição, ou de Augmento na Agricultura, que póde admittir. (Vandelli 1789b: 165)

O uso de *vinha* como sinónimo de plantação, é dizer, no contexto dado no sentido de olival, plantação de oliveiras, se bem que não seja usual em português, também não o é em italiano onde seria *oliveto* e não *vigna olivera*.⁷

2.3. PARTICULARIDADES E ERROS LINGUÍSTICOS E TERMINOLOGIA

Além de aspectos claramente, ou com certa probabilidade atribuíveis ao italiano, há muitos exemplos, nos textos de Vandelli, de construções contrárias à gramática portuguesa, frases que parecem incompletas, não ter agente, etc., provavelmente explicáveis pelo facto de o português ser uma língua aprendida por Vandelli já em idade adulta.

Interessante é a total ausência de infinitivo pessoal nos textos de Vandelli, o que bem poderia dever-se à sua condição de falante não nativo da língua portuguesa. O não uso do infinitivo pessoal não necessariamente implica estruturas incorrectas, e também não constitui um “erro” linguístico propriamente dito. É, não obstante, sinal de uma certa falta idiossincrática, de autenticidade dos textos vandellianos.

As particularidades linguísticas —muitas vezes erros— que se encontram nos textos muitas vezes dificultam a sua compreensão. Uma e outra vez se encontram estruturas ou construções nas quais não é claro, por exemplo por oscilações no uso das conjunções ou preposições, o que o autor realmente quis dizer, como o exemplifica o caso do *linho, cânhamo, linho-cânhamo* und *linho de* bzw. *do cânhamo*. O nome do linho (*Linum usitatissimum*) usa-se como conceito genérico para outras plantas da família das *Linaceae* e também como nome do tecido feito a partir delas. Como resultado do uso genérico, também o cânhamo —*Cannabis sativa*— recebe o nome de linho, ou linho-cânhamo, e o tecido feito de cânhamo é, portanto, tecido de cânhamo, é dizer, também recebe o nome de linho de cânhamo ou simplesmente linho, como se vê nos exemplos (13) a (15) de Vandelli e (16) de Manuel Dias Baptista, aluno de Vandelli.

- (13) Não se cultiva sufficiente linho para o ordinario consumo, e se deixou quasi totalmente a cultura do linho canhamo. (Vandelli 1789b: 165)

7. Seria possível, também, partir de uma enumeração na que vinhas —no sentido de *vides*— e oliveiras deveriam separar-se por uma vírgula: «está cultivado em vinhas, oliveiras, bosques, grãos e legumes».

- (14) Grande utilidade daria tambem renovar-se a cultivaçã do canhamo, e aproveitar-se a especie de linho, que ministraõ varias plantas, como a *urtiga*, *giesta*, *congoxa*, *junco*, *malvas*, *malvaisco*, e *tasneira*; e destas, ou de outras plantas fazer papel ordinario [...]. (Vandelli 1789c: 183)
- (15) Já se cuida no Brazil na cultura do linho Canhamo. (Vandelli 1789d: 198)
- (16) Não ha muitos annos, que no Campo de Coimbra se cultivava em gande abundancia o linho canhamo, de sorte que para recolher o dito linho, se fabricou no rocio de Santa Clara hum grande armazem chamado a *Feitoria*, donde-se remetia a Lisboa pra a cordoaria do Arcenal. (Baptista 1789: 280)

Dada a oscilação no uso de estruturas preposicionais ou não preposicionais em Vandelli, em frases como (17) torna-se impossível determinar se o autor fala de linho-cânhamo ou de linho e cânhamo. O facto de a vírgula também não se usar uniformemente contribui ainda mais para a confusão.

- (17) Todos sabem as diferentes Manufacturas do Linho, do Canhamo, e principalmente preparado com o methodo de Luiz Antonio de Lara, Fiscal da Real Cordoaria. (Vandelli 1789e: 224)

Se bem que, em (17), o participio em singular («preparado») torne mais provável que se trate de linho-cânhamo e não de linho e cânhamo, há, nas memórias de Vandelli, muitos outros casos em que a concordância entre os constituintes da frase não se dá, pelo qual não podemos supor que isto seja o que o autor quis expressar. Tendo em conta que na mesma memória de Vandelli (1789e) as plantas mencionadas normalmente são acompanhadas das taxonomias latinas, fica incompreensível que não se tivesse indicado neste caso. Analisamos o uso que faz Vandelli das nomenclaturas em Sinner (2009).

A maior dificuldade é que a tentativa de «completar» frases ou construções incompletas, seguindo uma aparente lógica do seu uso pelo autor, não necessariamente leva a soluções adequadas e à interpretação correcta do que Vandelli quis dizer, pois seria sobrepor as conclusões do leitor às palavras de Vandelli que possivelmente, mas não necessariamente quis dizer precisamente o que o leitor chega a compreender ou entrever entre os erros sintácticos ou morfológicos.

Os textos de Vandeli são tão cheios de formulações e construções nada transparentes, sintacticamente complicadas ou retorcidas por uma pontuação contraprodutiva; abundam frases que não permitem determinar os papéis semânticos, construções aparentemente incompletas ou subordinadas inconexas, etc., e mesmo nas frases aparentemente correctas e unívocas sempre é necessário ter em conta outras interpretações além das óbvias. Cabe ressaltar ainda uma forte preferência do autor pelo gerúndio que torna inaceitáveis ou agramaticais boa parte das frases em que aparece. Damos, a continuação —v. exemplos (18) a (25)—, alguns exemplos de construções que, sintacticamente, não são correctas, absolutamente inaceitáveis ou cujo conteúdo só se descobre após várias leituras.

- (18) No que respeita ao modo de lavar os terrenos: estes ordinariamente se lavraõ em pouca profundidade que ficando parte dos mesmos sem lavoura, mal coberta de terra, lentamente escavada do arado ou charrua; e logo que estaõ lavradas, se semeaõ, sem dar tempo á terra de absorver da atmosfera as particulas fertilizantes. (Vandelli 1789b: 171)
- (19) Alem disto as grandes riquezas, que os Portuguezes transportaraõ d'aquellas Colonias, fizeraõ com que attrahidos os estrangeiros com o desejo dellas, procurassem fornecer a Portugal entre muitos generos, grãos, legumes&c. que os mesmos avidamente recibiaõ, julgando-se pelos póvos mais ricos, quando ao mesmo tempo naõ era Portugal mais, que hum depositario por breve tempo das riquezas das suas Colonias, por isso mesmo, que se via obrigado a commutalas pelos generos, que a incuria da Agricultura, e da industria lhe faziaõ indispensaveis: o que ponderou bem o grande Politico Alexandre de Gusmaõ na representaçaõ, que fez ao Senhor Rei D. Joaõ V. (Vandelli 1789b: 171)
- (20) Entaõ naõ se cuidou mais em cultivar, e povoar os terrenos incultos; mas pelo contrario grande parte dos cultivados se despovoáraõ, e ficaraõ sem cultura: naõ se cuidou mais nos publicos caminhos, nem na navegaçaõ interior, e ficaraõ quasi em huma total inobservancia as sabias leis Agrarias. (Vandelli 1789b: 172)
- (21) Para o que tendo bons caminhos, e os rios navegaveis, e outros para regar, por si mesmos se augmentará a Agricultura neste Reino; porque os Lavradores, em geral, conhecem os seus interesses. (Vandelli 1789b: 174)
- (22) O qual purificando-o com o methodo Inglez para servir-me delle no Laboratorio Chymico, extrahi petroleo, ou naphta, e hum oleo crasso, que pode servir de breo. (Vandelli 1789c: 180)
- (23) Muitas saõ as *agoas thermaes*, ferreas, gazosas, e de uzo na Medicina, entre as quaes a se S. Gemil, que agora está analysando o Doutor Jozé Pinto, e que pôde servir tambem para fazer sabaõ; contendo bastante *alkali* mineral, como outra de Elvas. (Vandelli 1789c: 182)
- (24) Achei tambem nesta costa boas *esponjas*, a alguns fragmentos de *coraes* encarnados; e já no anno de 1462, como consta o Alvará de 16 de Abril, em Sylves, no Algarve, havia huma pescaria de coral, que foi renovada no de 1711 como verificou o Excellentissimo Conde de Rezende, quando esteve Governado naquelle Reino. (Vandelli 1789c: 185)
- (25) O Urucú (*a*) arbusto vulgar em varias partes do Brazil, preparaõ os Indios sómente do seu fructo a cór para pintar-se. Quando os Francezes em Cayena a fabricaõ em muita quantidade, e se vende para as tinturarias com o nome de *arkote* ou *orleane*. (Vandelli 1789d: 196)

Em (22), devido à relativa brevidade da frase, ainda é possível reparar a construção lendo «do qual» em vez de «o qual» sem ficar com muitas dúvidas acerca do que o autor quis dizer; em construções mais longas e com uma sintaxe menos transparente, como em (19), é mais difícil e mais arriscado a substituição das estruturas dadas pelo autor. O abuso do gerúndio é bem visível nas frases (18) e (21) a (23). Às vezes, impossibilita a

atribuição dos papéis semânticos, dos actantes, e parece forçar o uso dos pronomes pessoais explícitos, como se vê no exemplo (26).

- (26) Para uzo da tinturaria, são muitas as plantas, como em parte deraõ conhecer dous dos meus Discipulos nas amostras que apresentaraõ a este illustre Corpo; além da *Ruiva* que vulgarmente nasce, e huma especie particular de *Guado* ou *Pastel* deste Reino, que he a *Isatis Lusitanica*, fazendo já eu de outra em Coimbra abundante sementeira. (Vandelli 1789c: 183)

A dificuldade da interpretação de «como tambem da arvore» no exemplo (27) ilustra bem a perplexidade ante muitas das construções com conjunções subordinativas nos textos analisados.

- (27) No lugar de *Piracuruca* de *Piahy* se acha huma arvore, cuja casca amargoza faz o mesmo effeito que a *Quinaquina* (*b*) a folha tem semelhança com a verdadeira, mas ainda não observei a fructificação: como tambem da arvore que dá huma casca amargoza em *Paraiba*, cujos effeitos iguala [!] aos da verdadeira quina. (c) (Vandelli 1789b: 167)

Os problemas de sintaxe dificultam a compreensão da mensagem transmitida. É ainda mais forte o problema de captar o sentido nos casos em que a sintaxe é aparentemente correcta, mas o sentido da frase, possivelmente devido a erros lexicais, totalmente inacessível ou contraditório. Às vezes, Vandelli chega a escrever coisas que, se não fosse pelos aparentes lapsos linguísticos, poderiam dar a impressão de que o autor não sabe o que diz, pois há contradições e afirmações tão sumamente idiotas ou ridículas e as conclusões tão insignificantes ou triviais ou simplesmente carente de sentido que, pelos vistos, só podem ter explicação nas dificuldades linguísticas do autor que, de outro modo, seria «desmascarado» como incompetente total. Sirvam como exemplos os extractos em (28) e (29).

- (28) Este genero de pesca he de muita utilidade; os Holandezes com ella no anno de 1697 ganharaõ mais de dous milhões de Florins, e ainda que este ganho não seja igual em todos os annos, sempre rende hum lucro excessivo. (Vandelli 1789d: 191)
- (29) Os Insectos são uteis; como são as abelhas, e os Bichos da Seda, não são cultivados, e multiplicados como merecem pela sua grande utilidade, exceptuando os primeiros, nos quaes ha maior cuidado. (Vandelli 1789b: 167)

Tendo em conta que as Memórias foram sujeitas a correção linguística e estilística antes de chegar à imprensa, é ainda mais surpreendente que se tenham publicado assim.⁸

8. Na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa conservou-se uma única avaliação de uma *Memória*, a *censura* do manuscrito 373/11, «Memória sobre a utilidade pública em se tirar o ouro das minas, e os motivos dos poucos interesses dos particulares que o mineram actualmente no Brasil» de António Pires da Silva Pontes Leme (Leme s.D. [ca. 1800]). Diz-se nesta censura que todas as partes do texto que não tenham a ver com o tema do trabalho teriam que suprimir-se «aperfeiçoando a locução que nem sempre é clara» (Almeida 1813: 336).

3. CONCLUSÃO

A língua empregue por Vandelli está muito longe de ser clara e transparente. Tanto os italianismos como as deficiências no português do autor que não são necessariamente devidos à influência da língua italiana, mas que, provavelmente, podem ser atribuídos ao facto de o português ser para Vandelli uma língua estrangeira aprendida em adulto, dificultam a compreensão e fazem dos seus trabalhos textos às vezes bastante opacos.

O uso de uma linguagem pouco clara e marcada por erros linguísticos e ambiguidades, assim como também a utilização pouco consequente e pouco coerente dos termos infringem as exigências da Academia: Devido à falta de transparência da língua usada e as muitas construções ambíguas, os textos de Vandelli estão ainda longe de cumprir com as exigências da Academia das Ciências a uma linguagem unívoca e a uma terminologização⁹ vista pela própria Academia como necessárias para garantir a comunicação entre cientistas.

TRABALHOS ANALISADOS

- Vandelli 1789a VANDELLI, Domingos (1789a): «Memoria Sobre a ferrugem das Oliveiras». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 8-9.
- Vandelli 1789b VANDELLI, Domingos (1789b): «Memoria Sobre a Agricultura deste Reino, e das suas Conquistas». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 164-175.
- Vandelli 1789c VANDELLI, Domingos (1789c): «Memoria Sobre algumas produções naturaes deste Reino, das quaes se poderia tirar utilidade». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 176-186.
- Vandelli 1789d VANDELLI, Domingos (1789d): «Memoria Sobre algumas produções naturaes das Conquistas as quaes ou são pouco conhecidas, ou não se aproveitaõ». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 187-206.

9. *Terminologização* é compreendido aqui como «transposição de uma unidade lexical, da língua geral para uma linguagem de especialidade, ou seja, a transformação do vocábulo em termo. No percurso gerativo de enunciação de codificação, trata-se de uma relação entre normas de um sistema linguístico, uma relação horizontal, intra-sistema de significação e inter-universos de discurso» (Barbosa 1998: s. p.).

- Vandelli 1789e VANDELLI, Domingos (1789e): «Memoria Sobre as Produções Naturaes do Reino, e das Conquistas, primeiras materias de diferentes Fabricas, ou Manufacturas». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 223-236.
- Vandelli 1789f VANDELLI, Domingos (1789f): «Memoria Sobre a preferencia que em Portugal se deve dar á Agricultura sobre as Fabricas». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 244-253.

REFERÊNCIAS

- Almeida 1813 ALMEIDA, Visconde da Lapa Manoel de (1813): «Censura à Memória de António Pires da Silva Pontes Leme». Academia das Ciências de Lisboa (1987): *Memórias económicas inéditas (1780-1808)*. Prefácio de Manuel Jacinto Nunes. Introdução e Notas de José Luís Cardoso. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, p. 333-336.
- Amzalak 1922 AMZALAK, Moses Bensabat (1922): *A economia política em Portugal. O Fisiocratismo - As memórias económicas da Academia das Ciências e os seus colaboradores*. Lisboa: Ed. do autor / Oficinas gráficas do Museu Comercial.
- Baptista 1789 BAPTISTA, Manoel Dias (1789): «Ensaio de descripção, fizica, e Economica de Coimbra, e seus arredores». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 254-298.
- Barbosa 1998 BARBOSA, Maria Aparecida (1998): «Delimitação do conceito e da definição do termo técnico e científico: percursos epistemológicos e metodológicos». *Atas dos Simpósios de RITerm 1988-2002. VI Simpósio de RITerm, La Habana 1998*. <<http://www.riterm.net/actes/6simposio/barbosa.htm>>; visitado a 15 de Janeiro de 2009.
- Brigola 2001 BRIGOLA, João Carlos (2001): «Museologia e história natural em finais de setecentos – o caso do Real Museo e Jardim Botânico da Ajuda (1777-1900)». *Anais [Universidade Autónoma de Lisboa] Série História* (2001), p. 219-241.
- Brotero 1788 BROTERO, Félix de Avelar (1788): *Compendio de botanica, ou Noçoens elementares desta Sciencia, segundo os melhores Escritores modernos expostas na lingua Portugueza*. 2 vols. Paris: Vende-se em Lisboa em caza de P. Martin.
- Dictionnaire biographique* (2005). <<http://www.cosmovisions.com/>>; consultado a 12 de Novembro de 2005.
- Cardoso 1986 CARDOSO, José Luís (1986): «Os escritos económicos e financeiros de Domingos Vandelli». *Ler História*. Vol. 13, p. 31-51.

- Cardoso 2001 CARDOSO, José Luís (2001): *História do Pensamento Económico Português. Temas e Problemas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cardoso 2003a CARDOSO, José Luís (2003a): «A história natural e a ciência económica na obra de Domingos Vandelli». VANDELLI (2003), p. 1-25.
- Cardoso 2003b CARDOSO, José Luís (2003b): «A história natural, o império luso-brasileiro e a economia política na obra de Domingos Vandelli». *V Congresso Brasileiro de História Económica e 6ª Conferência Internacional de História de Empresas da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Económica, Caxambu, MG, 7 a 10 de setembro de 2003*. <http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_04.pdf> consultado a 13 de Janeiro de 2007.
- Cardoso 2003c CARDOSO, José Luís (2003c): «From Natural History to Political Economy: The Enlightened Mission of Domenico Vandelli in Late Eighteenth-Century Portugal». *Studies in the History and Philosophy of Science*. Vol. 34, Núm. 4, p. 781-803.
- Covarrubias Orozco 1611 COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de [= Covarrubias Orozco, Sebastian] (1611): *Tesoro de la lengua castellana, o española. Compuesta por el licenciado Don Sebastian Cobarruias Orozco, Capellan de su Magestad, Mastrescuela y Canonigo de la santa Yglesia de Cuenca, y Consultor del santo Oficio de la Inquisicion. Dirigido a l Magestad catolica del Rey Don Felipe III. nuestro señor*. Con privilegio. En Madrid, por Luis Sanchez, impressor del Rey N.S.
- Dean 1991 DEAN, Warren (1991): «A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil». *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro). Vol. 4, Num. 8, p. 216-228.
- Faria 2001 FARIA, Miguel Figueira de (2001): *A Imagem Útil. José Joaquim Freire (1760-1847), Desenhador Topógrafo e de História Natural: Arte, Ciência e Razão de Estado no Final do Antigo Regime*. Lisboa: Universidade Autónoma Editora.
- Hark 2005 HARK, Sabine (2005): «*Dissidente Partizipation*». *Eine Diskursgeschichte des Feminismus*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Harwood 2005 HARWOOD, Nigel (2005): «‘Nowhere has anyone attempted ... In this article I aim to do just that’. A corpus-based study of self-promotional I and we in academic writing across four disciplines». *Journal of Pragmatics*. Vol. 37, p. 1207-1231.
- Houaiss 2001 HOUAISS, António / VILLAR, Mauro de Salles (2001): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objectiva.
- Laranjo 1882 LARANJO, José Federico (1882): «Economistas Portuguezes». *O Instituto. Jornal científico e literário* (Instituto de Coimbra) XXIX Março 1882, 2a série. Reedição: (2^a 1976 [1881]): «Economistas Portuguezes». *O Instituto* (Coimbra) 1881-1884. 2.^a edição. Lisboa: Guimarães & C.a Editores, 1976, p. 45-62.
- Leme s. D. LEME, António Pires da Silva Pontes (s. D. [ca. 1800]): «Memória sobre a utilidade pública em se tirar o ouro das minas, e os motivos dos poucos interesses dos particulares que o mineram actualmente no Brasil» [= MS 373/11 na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa]. Academia das Ciências de Lisboa (1987): *Memórias económicas inéditas (1780-1808)*. Prefácio de Manuel Jacinto Nunes. Introdução e Notas de José Luís Cardoso. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, p. 319-332.

- Linnaeus 1735 LINNAEUS, Carolus [=Carl VON LINNÉ; Carlos LINEU] (1735): *Systema naturae, sive regna tria naturae systematice proposita per classes, ordines, genera & species*. Lugduni Batavorum [Leiden]: Haak. Faksimil: Carl VON LINNÉ (1964): *Systema naturae, 1735: facsimile of the first edition, with an introduction and a first English translation of the "Observationes" by M.S.J. Engel-Ledeboer and H. Engel*. Nieuwkoop: B. de Graaf.
- Longo 1940 LONGO, Biagio (1940): «Domenico Vandelli e la fondazione del primo Orto Botanico nel Portogallo». Reale Accademia d'Italia (ed.): *Relazioni Storiche fra l'Italia e il Portogallo. Memorie e documenti*. Roma: Reale Accademia d'Italia, p. 403-408.
- Lopes 2004 LOPES, Priscila F. Macedo (2004): *Ecologia caíçara: pesca e uso de recursos na comunidade da Praia do Puruba*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia. [Dissertação de Mestrado em Ecologia]
- Monteiro 1945 MONTEIRO, Maria Emília Ruas (1945): *Análise da obra de alguns autores fisiocratas das "Memórias Económicas" da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Coimbra: Universidade de Coimbra [Dissertação para licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas].
- Mühlschlegel 2000 MÜHLSCHLEGEL, Ulrike (2000): *Enciclopedia, vocabulario, diccionario. Spanische und portugiesische Lexikographie im 17. und 18. Jahrhundert*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana.
- Pison 1648 PISO, Gulielmus / MARGGRAF, Georg / DE LAET, Johannes (1648): *Historia natvralis Brasiliae: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Lugdun. Batavorum: apud Franciscum Hackium / Amstelodami: apud Lud. Elzevirium.
- Pison 1658 PISO, Gulielmus (1648): *De Indiae utriusque re naturali et medica, libri quatuordecim*. Amstelaedami: Elzevir.
- Rozier 1781[?]-1805 ROZIER, Jean Baptiste François (1781[?]-1805): *Cours complet d'Agriculture théorique, pratique, économique, et de médecine rurale et vétérinaire, suivi d'une méthode pour étudier l'Agriculture par principes ou Dictionnaire universel d'Agriculture. Par une Société d'Agriculteurs, & rédigé par M. L'Abbé Rozier*. A Paris: Rue et Hôtel Serpente, Libr. d'éducation et des sciences et arts / [puis] Marchant, Drevet, Chapart, Caille et Ravier. Título a partir de vol. 9: *Cours complet d'agriculture théorique, pratique, économique et de médecine rurale et vétérinaire, ou dictionnaire universel d'agriculture*.
- Sinner 2007 SINNER, Carsten (2007): *Die Memórias económicas der Academia das Ciências de Lisboa: wissenschaftliches Schreiben in Portugal zum Ende des Antigo Regime (1779-1821)*. Berlin: Humboldt-Universität zu Berlin. [Tese de habilitação]
- Sinner 2009 SINNER, Carsten (2009): «O tratamento da terminologia e a nomenclatura de Lineu nas *Memórias económicas* de Domingos Vandelli de 1789». ECKKRAMMER, Eva Marta (ed.): *La comparación en los lenguajes de especialidad*. Berlin: Frank&Timme, p. 163-172.
- Vandelli 1758 VANDELLI, Domenico (1758): *Dissertationes Tres: de Aponti thermis: de nonnullis insectis terrestribus & zoophytis marinis, & de vermium terrae reproductione atque taenia canis*. Patavii [Pádua]: Ex Typographica Conzatti.

- Vandelli 1760 VANDELLI, Domenico (1760): *Tractatus de thermis Agri-Patavini. Accessit Bibliotheca Hydrographica, & Apologia contra Cel: Hallerum*. Patavii [Pádua]: Ex Typographica Conzatti.
- Vandelli 1761 VANDELLI, Domenico (1761): *Epistola de Hollothurio, et Testudine Coriacea ad celberrimum Carolum Linnaeum equitem naturae curiosorum*. Patavii [Pádua]: Ex Typographica Conzatti.
- Vandelli 1771 VANDELLI, Domingos (1771): *Fasciculus Plantarum cum novis generibus, et speciebus*. Olisipone [Lisboa]: Ex Typographia Regia.
- Vandelli 1788a VANDELLI, Domingos (1788a): *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural extrahido Das Obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos. E a Memoria sobre a utilidade dos Jardins Botanicos que offerece a Raynha D. Maria I. Nossa Senhora Domingos Vandelli Director do Real Jardim Botanico, e Lente das Cadeiras de Chymica, e de Historia Natural na Universidade de Coimbra. &c.* Coimbra: Na Real Officina da Universidade.
- Vandelli 1788b VANDELLI, Domingos (1788b): *Florae Lusitanicae et brasiliensis specimen. *Plantae exoticae B. brasilienses. et epistolae ab eruditissimis viris Carolo a Linné Antonio de Haen ad Dominicum Vandelli Scriptae*. Conimbricæ: Ex Typographia Academico-Regia.
- Vandelli 1788g VANDELLI, Domingos (1788g): *Viridarium Grisley Lusitanicum, Linnaeanis, nominibus illustratum*. Olisipone (Lisboa): Ex Typographia Regalis Academia Scientiarum Olisiponensis.
- Vandelli 1790a VANDELLI, Domingos (1790a): «Memoria Sobre o modo de aproveitar o Carvão de Pedra, e os Páos Bituminosos deste Reino». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 434-436.
- Vandelli 1790c VANDELLI, Domingos (1790b): «Memoria Sobre varias misturas de materias vegetaes na factura dos Chapéos». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 431-433.
- Vandelli 1791a VANDELLI, Domingos (1791a): «Memoria Sobre as Aguas-livres». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 375-380.
- Vandelli 1791b VANDELLI, Domingos (1791b): «Memoria sobre o encanamento do Rio Mondego». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Na Officina da Academia Real das Sciencias, p. 12-19.
- Vandelli 1812 VANDELLI, Domingos (1812): «Memoria Sobre o Sal Gemma das Ilhas de Cabo Verde». *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Tomo IV. Lisboa: Na Typografia da Mesma Academia, p. 65-66.

- Vandelli 1994 VANDELLI, Domingos (1994): *Aritmética Política, Economia e Finanças (1770-1804)*. Introdução de José Vicente Serrão. Lisboa: Banco de Portugal.
- Vandelli 2003 VANDELLI, Domingos (2003): *Memórias de história natural*. Introdução e Coordenação Editorial José Luís Cardoso. Porto: Porto Editora.
- Vec 2006 VEC, Milos (2006): «Prekär, prekär, prekär: Sabine Hark bleibt hinter der feministischen Wissenschaftsgeschichte zurück». *Frankfurter Allgemeine Zeitung* 4. 7. 2006, p. 46.

RESUM

A contribuição apresenta os resultados duma análise estilística e do uso da terminologia nos trabalhos de Domingos Vandelli, considerado um dos cientistas mais importantes e influentes de Portugal do seu tempo. As obras analisadas, sobretudo memórias sobre os recursos naturais de Portugal e Brasil, foram publicadas pela Academia em 1789, no primeiro volume das *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Além de analisar as particularidades linguísticas que podem ser atribuídas ao autor pela sua condição de falante de italiano (ou de falante não nativo de português), no trabalho prestar-se-á particular atenção a aspectos formais da elaboração do texto.

MOTS CLAU: Português, Terminologia, Memòries econòmiques, Domingos Vandelli, Elaboració textual.

ABSTRACT

Language and terminology of the 1789 economic memoirs of Domingos Vandelli

This contribution presents the results of an analysis of the style and use of terminology in the work of Domingos Vandelli, who is considered to be one of the most important of the scientists and influential people in the Portugal of his time. The works analysed, especially memoirs on the natural resources of Portugal and Brazil, were published by the Academy in 1789 in the first volume of *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas conquistas*. Apart from examining the linguistic peculiarities that may be attributed to the author as an Italian speaker (or non-native speaker of Portuguese), attention must be paid in the work to the formal aspects of the composition of the text.

KEY WORDS: Portuguese, terminology, economic memoirs, Domingos Vandelli, textual composition.